

Epidemia da violência

Nas ruas as mensagens publicitárias das empresas de proteção privada nos alertam desde janeiro que o ano “vai ser a maior limpeza”, que “em breve você receberá uma visita” e que “a cada 20 segundos um brasileiro é assaltado”. Ao chegarmos em casa a tevê desanda seu festival de estímulos reais e imaginários em relação ao quanto estamos perdidos nessa Torre de Babel da insegurança, no sentido social e multilingüístico da metáfora. No diário da sobrevivência às pressões dos signos e dos fatos, muitos guardam fôlego apenas para denotar absortas interjeições e suspiros de debilidade: “ainda não foi a minha vez”. Cercados por insinuações suspeitas, ameaças veladas e soturnas lembranças, temos encurtado o nosso modo de percepção dando, na maioria das vezes, a dimensão do todo ao que não passa de fragmento da realidade.

Nesse ambiente propício à contaminação das nossas reservas de autoconfiança, a violência se alastra como uma doença infecciosa no comportamento coletivo. O professor Jesús Martín-Barbero, respeitado intelectual espanhol de pensamento latinoamericano, revelou um dia desses numa entrevista ao programa *Roda Viva* da TV Cultura, que parte significativa da sensação de insegurança que temos se deve ao carregado clima de tensão a que somos expostos pelos meios de comunicação de massa. A prevalência do medo na vida brasileira se amplia nas práticas simbólicas e na ritualização da noção de perigo no cotidiano. Os parasitas da indústria de armas, da droga, do Fundo Monetário Internacional, da exclusão e da falta de vergonha na cara foram se alastrando pelo país e formando grandes reservatórios favoráveis à proliferação do sentido de risco.

A epidemia da violência não é uma doença típica do mundo considerado subdesenvolvido. Pelo contrário, ela é conseqüência das forçadas e desordenadas concentrações urbanas, das desmedidas induções de consumo, dos apelos constantes às fragmentações culturais e dos estratégicos investimentos para a manutenção dos surtos de ignorância. Somos hospedeiros de uma espécie de sacanagem transgênica colonial. Estamos com a febre da incerteza e não há outro caminho de alívio para essa patologia que não o da concertação da prudência como maneira de instituir novos parâmetros ao nosso *modus vivendi*.

A maior dificuldade para isso é que estamos viciados em tentar reagir à epidemia da violência com base em prognósticos de procedimentos taticamente alopáticos. Quando imaginamos o passo seguinte, voltamos sempre aos comportamentos primitivos da assepsia pelo extermínio e pela defesa da disseminação de armas de fogo entre a população civil. A vigilância contumaz estressa, se torna neurodegenerativa, afeta o tecido social e potencializa a síndrome do pânico coletivo. Uma enfermidade que, em nome da proteção, contribui para nos tornar mais ariscos e mais fechados nas cercas eletrônicas da solidão.

Para fugir desse labirinto o jeito é partir para outro tipo de solução enquanto há tempo. Precisamos identificar os professores “Abreu Matos” da segurança e instituir a Farmácia-Viva da confiabilidade. O combate à violência deve ser cultivado no fundo de cada quintal, na sacada de cada apartamento, nos canteiros das vias públicas. A redução da insegurança depende dos chás de consciência que tomamos no dia-a-dia. Temos carência de camomila para o relaxamento nas relações interpessoais e comunitárias; de erva-doce para digerir sem dor de barriga as informações deterioradas do caldeirão midiático; e de boldo para desopilar o fígado na promoção de um mundo humanamente encantador.

A saúde pública precisa de um horto de atitudes político-medicinais. Precisa de vacinas com o princípio ativo da paz e de lambedor de malva para expectorar a secreção do temor que nos incomoda. É uma situação de guerra, o que justifica a interferência dos poderes públicos governamentais e não-governamentais, articulados entre si, numa mobilização para acabar com o porte de arma, com o blefe da proteção privada e com o poder de incitação dos meios de comunicação que não conseguem distinguir o que é jornalismo de execração da dignidade. Permissivos como estamos não temos como fazer parar a transmissão do vírus da violência, nem como estancar a transfusão do medo. Precisamos urgentemente acionar os mecanismos de controle dessa lesão social a fim de deslindar essa trama e não sofrer no futuro uma triste condenação por crime de omissão hedionda.